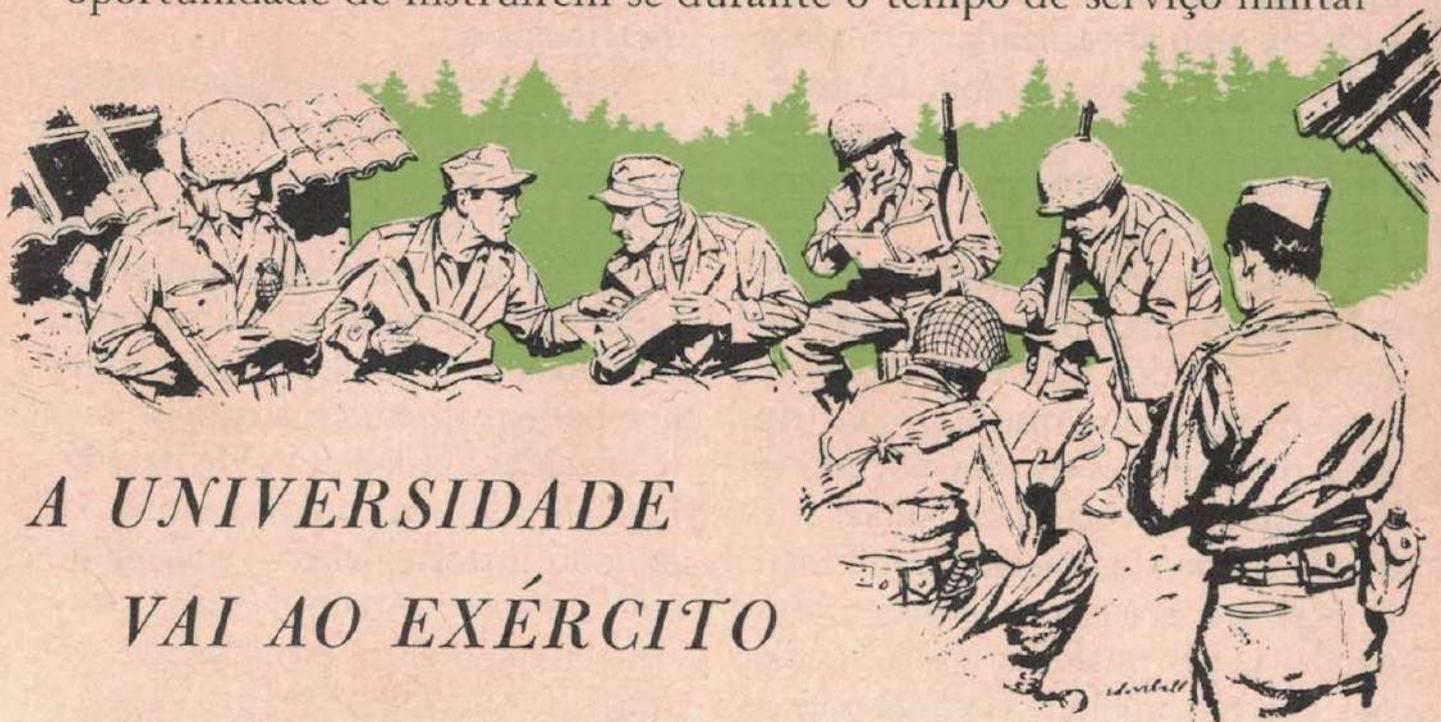


Gigantesco programa educacional dá aos soldados norte-americanos oportunidade de instruírem-se durante o tempo de serviço militar



A UNIVERSIDADE VAI AO EXÉRCITO

(Condensado de «The Rotarian»)

Por Charles Stevenson

QUATRO MESES depois de disparado o primeiro tiro na Coreia, um caminhão roncava estrada acima, rumo a um destacamento avançado do Exército Norte-Americano. Sua carga eram livros escolares desde Aritmética elementar até Trigonometria superior e administração de negócios. O caminhão fazia parte do programa de instrução voluntária das forças armadas norte-americanas.

A reação dos combatentes foi entusiástica. Uma classe funcionou mesmo tão perto da linha de fogo que os homens conservavam os fuzis durante as aulas. Transcorridos seis meses, mais de seis mil soldados que serviam na Coreia achavam tempo para estudar, no intervalo das batalhas. Trezentos conquistaram certificados de nível secundário, e quase uma cente-

na conseguiu o equivalente ao primeiro ano de escola superior.

No momento em que escrevemos estas linhas, mais de 400 mil homens — aproximadamente um oitavo dos efetivos das forças armadas — continuam os estudos, e muitos deles retornarão à vida civil munidos de credenciais que lhes permitirão obter melhores empregos do que os que tinham antes.

Entre os 42 membros da tripulação do rebocador *Mahopac*, 16 inscreveram-se em cursos novos, num só mês, um matriculou-se em curso de extensão universitária, oito foram aprovados nos exames finais do curso ginásial e seis obtiveram certificados de instituições civis. No mês de junho passado, a bordo do navio-tanque *Chipola*, em serviço no Pacífico, a

tripulação entrou em forma para uma das mais raras cerimônias de colação de grau já realizadas: um técnico em eletrônica completara os estudos que lhe proporcionaram, em pleno mar, um diploma da Universidade da Califórnia.

Desde a Segunda Guerra Mundial, o Instituto das Forças Armadas dos Estados Unidos (USAFI) desenvolveu-se a tal ponto, que hoje constitui uma das maiores escolas do mundo de ensino por correspondência. Mediante a taxa de dois dólares, o Instituto proporciona a qualquer militar na ativa, em qualquer parte, cursos por correspondência de qualquer de 334 matérias, e oferece, também, cursos de extensão, dados por 47 universidades que com êle cooperam. O diretor do Instituto, Glenn L. Mc Conagha, faz parte do corpo docente da Universidade Estadual de Ohio. Os livros didáticos adotados são antes submetidos a um conselho constituído de eminentes educadores civis.

Cada destacamento isolado, desde um posto meteorológico do Ártico até uma pista de pouso na África, dispõe no mínimo, sob regime de tempo parcial, dos serviços de um membro da Divisão de Informações e Educação das Forças Armadas. Seu trabalho consiste em informar sobre oportunidades de educação, oferecer cursos do USAFI, orientar os estudantes e submetê-los a exames. As grandes bases militares dispõem de um sistema educacional completo. Em algumas há mesmo departamentos filiados a uma ou outra univer-

sidade; noutras, existem universidades vizinhas, onde os militares podem matricular-se.

Nos termos desse programa educacional, concede-se folga aos homens que não sabem ler e escrever, exigindo-se que freqüentem duas horas de aulas por dia, até receberem certificados de conclusão do curso primário. Quando os analfabetos descobrem que podem aprender, freqüentemente revelam verdadeira sede de saber. Em Nuremberg, na Alemanha, um soldado profissional da velha guarda começou sua instrução básica aos 43 anos. Atualmente, transcorridos três anos, já venceu tôdas as etapas do curso ginásial e foi promovido a sargento. Num recente inquérito feito pelo USAFI entre os seus antigos alunos, 69% afirmaram que o estudo por correspondência os ajudou a progredir na carreira.

Mais de 50 universidades mantêm departamentos em bases do Exército, só nos Estados Unidos. Nova etapa no desenvolvimento dessa ligação teve início há alguns anos, quando alguns oficiais do Pentágono quiseram fazer um curso de Oratória. A Universidade de Maryland combinou mandar um professor à noite. Os convocados foram também convidados a fazer o curso. No final, verificaram os alunos que haviam completado parte do curso universitário, e que tinham vontade de continuar. O comandante do Distrito Militar de Washington lembrou-se de ter visto um praça sentado num balde emborcado, do lado de fora de uma gara-

gem, nas vizinhanças do Forte Myer, estudando Álgebra. «Se temos êsse mesmo espírito aqui no Pentágono, convém atiçá-lo», disse êle. E assim foi fundada a Escola do Pentágono, como departamento da Universidade de Maryland. Atualmente a Escola conta mais de 1.100 estudantes.

Êste sucesso animou a Universidade de Maryland a expandir-se de fato. Há dois anos a Universidade estabeleceu departamentos similares em Berlim, Heidelberg e mais quatro cidades alemãs. Hoje, oito mil soldados das tropas de ocupação estudam em cêrca de 60 dêsses departamentos na Alemanha, Áustria, França, Trieste, Trípoli e Inglaterra.

Seguindo o exemplo da Universidade de Maryland, a Universidade da Califórnia mandou oito professores para o Orientê. Passados alguns dias, estalou a Guerra da Coréia. O diretor-assistente da Divisão de Extensão dessa universidade partiu de avião para o local, com o propósito de cancelar o projeto. Em vez disso, telegrafou de lá, nos seguintes têrmos: «Mandem mais oito professores.»

Antes do fim do ano passado, a Universidade da Califórnia já mantinha vinte departamentos, de Tóquio a Manila. Aviadores que bombardeavam a Coréia do Norte durante o dia, freqüentavam aulas à noite. Subseqüentemente, estabeleceu essa universidade mais dois departamentos, um em Pusan, outro em Taegu, na Coréia.

A Universidade Estadual da Louisiana abriu recentemente um departamento na Zona do Canal do Panamá, com 600 alunos, e viu-se imediatamente instada por futuros estudantes a estender-se a Pôrto Rico, à base naval norte-americana de Guantánamo, em Cuba, e a outras ilhas incluídas no comando das Antilhas. Os professores seriam transportados de ilha a ilha por via aérea.

«O ensino não pode mais ficar entre paredes», diz o Dr. J. W. Brouillette, diretor da Divisão de Extensão da Universidade do Estado de Louisiana. «Os professores têm de ir aonde estejam os que querem estudar—e, acreditem-me, os soldados querem estudar. Nunca vi estudantes tão aplicados e tão capazes.»



Verbetes

Tato—Dizer de outros as mentiras que gostaríamos que dissessem de nós.

Querida—Fórmula popular de se dirigir a uma amiga cujo nome não nos ocorre no momento.